

Tangata Manu

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

Em 2016, o artista italiano Marco Agostinelli, querido amigo, convidou-me para compor uma peça musical para a sua exposição *The Birdman and The New Generation* durante a Bienal de Veneza em 2017.

Marco e eu nos conhecemos na década de 1990 - quando ele dirigiu três filmes sobre Joseph Beuys, para os quais elaborei três concertos musicais.

Continuamos em contacto ao longo dos anos, e colaboramos em outras ocasiões.

Agora, trata-se de uma instalação e uma escultura que lhe absorveram mais de dois anos de intenso trabalho: Birdman, o Homem Pássaro.

Birdman é uma referência direta ao célebre mito da Ilha de Páscoa, no Oceano Pacífico. Tangata Manu - Homem Pássaro na língua local - era o título dado ao vencedor de uma competição anual na Ilha de Páscoa. Ela se realizava a cada mês de setembro, início da primavera. Nessa época, as andorinhas-do-mar depositavam os seus ovos na ilhota Motu Nui. Cada Tangata Manu que havia vencido a competição governava a ilha durante um ano.

Acredita-se que essa competição ritual tenha tido início no período da destruição dos recursos ecológicos da Ilha de Páscoa.

Cada um dos competidores devia saltar de um penhasco, na área da ilha chamada Orongo, à beira da cratera do vulcão Rano Kau, com cerca de trezentos metros de altura. Eles deviam mergulhar no mar, nadar até Motu Nui e colher o primeiro ovo da andorinha-do-mar da estação.

Vários dos competidores morriam no percurso, devorados por tubarões, afogados ou esmagados pelas ondas contra a encosta.

A busca ao primeiro ovo encerrava uma questão vital: a destruição ecológica daquele mundo, que devia terminar, e a busca de um renascimento.

Essa era a questão essencial para Agostinelli, enfeixada em dois elementos chave, como sempre acontece com toda a existência concreta: a

destruição e o renascimento; nascimento e morte.

Não é necessário muito esforço para se perceber que o mundo parece agora mergulhar numa via de auto-destruição. Diante do ritmo da expansão demográfica - como acontecia no final do século XX e início do século XXI - o ser humano apenas poderá sobreviver se reduzir brutalmente o seu consumo de energia, isto é: se submergirmos num novo período medieval. A outra possibilidade de sobrevivência é a educação de alta qualidade, intensiva e geral, mas isso exigiria uma determinação política global pelo menos durante algumas gerações sem interrupção. E não parece que tal possa acontecer.

Assim, a obra de Agostinelli não estabelece respostas, mas levanta questões essenciais. Ela é feita com fragmentos de madeiras de árvores em extinção, das montanhas, usadas para fabricar as gôndolas.

Marco Agostinelli me convidou para compor um concerto-instalação para esta sua magnífica obra.

No início, intencionalmente, eu não queria saber de todas aquelas informações.

Quando ele me convidou para compor a peça musical, acertamos imediatamente o compromisso que caracterizaram os meus trabalhos com John Cage e Merce Cunningham, deles com personagens como Bob Rauschenberg, David Tudor ou Andy Warhol, todos inspirados em Antonin Artaud e o princípio da *independência das artes*. Uma obra nunca deve imitar outra. Assim, a única coisa que eu soube foram as idéias chave: o Homem Pássaro e a Ilha de Páscoa.

Naturalmente, quando me disse isso, Marco Agostinelli não precisava dizer mais qualquer coisa. Eu conhecia o mito, a competição e imediatamente tracei uma associação com o mundo de hoje.

A composição musical tomou meses de trabalhos, em 2016 e 2017. Determinei, desde o início, que ela deveria durar quarenta minutos e poder ser tocada indefinidamente, em *loops*.

Em 2014, publiquei o meu livro *Música: Uma Breve História do Pensamento Musical Ocidental*. Nele, incluí a imagem daquela que é considerada a primeira partitura musical conhecida. De origem mesopotâmica, datada de cerca de 2000 aC, a peça pertencia a Martin Schøyen.

Martin Schøyen é um daqueles personagens únicos no mundo - historiador, paleógrafo, homem de negócios e colecionador de livros. Ele começou a sua coleção em 1955, quando tinha apenas quinze anos de idade. Hoje, ela tem mais de treze mil manuscritos sendo que o livro mais antigo tem cerca de cinco mil anos.

Entrei imediatamente em contato com ele. Gentilmente, ele cedeu gratuitamente os direitos de publicação da fotografia daquela antiga partitura no meu livro. Mantivemos, durante alguns meses, uma correspondência eletrônica. Numa delas, ele disse que seria interessante fazer uma composição contemporânea a partir daquela antiga partitura mesopotâmica.

Ele já conhecia o meu trabalho em Realidade Virtual.

Respondi prometendo que faria uma composição utilizando aquela antiga partitura, e que seria dedicada a ele. Mas, não foi possível trabalhar nesse projeto imediatamente. Eu tinha de completar a ópera *Metamorphosis* com René Berger, composições como *Dark Matter*, *Voyager66*, *Un Coup de Dés*, *Adamastor*, *Decameron*, concertos com a Merce Cunningham Company, com o Ballet de Lorraine, conferências, livros, projetos de arquitetura... foi um período extremamente denso.

Então, em 2016, recebi o convite de Marco Agostinelli.

O universo mesopotâmico representou - especialmente com a articulação simbiótica entre Suméria e Acádia - o início daquilo a que poderíamos chamar de civilização ocidental. Agora, estamos vivendo o fim dessa história, com a emergência de um planeta inteiramente conectado e a explosão de uma civilização eletrônica.

Isso me pareceu revelar curiosas relações com o mito do Homem Pássaro. Tal como conta o mito, também estamos condenando o nosso planeta; e a busca do ovo, da origem, ou melhor, daquilo que pode alimentar uma existência, pareceu-me perfeitamente coerente com a grande e misteriosa questão estabelecida pela obra de Agostinelli.

Assim, comecei a trabalhar sobre aquela antiga partitura mesopotâmica - a primeira partitura de que se tem notícia!

Um dos mais fascinantes fatos que ela revela é que se trata de uma representação do *Ciclo das Quintas* - que se acreditava ter sido descoberto apenas na antiga Grécia.

Naturalmente, não haveria qualquer sentido reproduzir as notas musicais que estão na partitura - mas, sim utilizar o seu desenho, aquilo que o seu autor "não pensou", como base de uma partitura virtual elaborada num ambiente quadridimensional.

Esse foi o primeiro passo. Os elementos visuais da pedra talhada foram transferidos para um ambiente virtual tridimensional.

Então, estabeleci o princípio estrutural da composição: três elementos distintos, três estruturas em paralelo, três vozes, seguindo os princípios do ten, chi, jin - da estética Zen - como venho fazendo desde há cerca de

quarenta anos.

Os antigos traços mesopotâmicos determinaram a posição dos eventos sonoros em termos de espaço e de inter-relação.

Desenhei uma primeira esfera que, dividida em lâminas, determinou a relação entre os eventos de uma das vozes, seguindo o princípio do Ciclo das Quintas.

Determinei a natureza das vozes: uma primeira operaria o universo da poesia, dos poetas - porque eles são espécies de Homens Pássaro em permanente busca das raízes, das origens - ainda que possam estar no futuro - do alimento civilizacional.

Assim, estudei a obra de cem poetas, em trinta países: Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Brasil, Espanha, Estados Unidos, Chile, China, Dinamarca, França, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra, Irlanda, Israel, Itália, Japão, Líbano, Marrocos, México, Moçambique, Noruega, Portugal, Romênia, Rússia, Suécia, Suíça, Tibete. O que mais interessou foi a musicalidade das diferentes línguas. Todos os poemas foram falados por robôs, por vozes artificiais. Os poemas dos cem poetas foram distribuídos, através do uso de operações randômicas, de acordo com o desenho da antiga partitura mesopotâmica. Então, a esfera que envolve esses desenhos, dividida em sete lâminas, determinou sete notas musicais de acordo com a progressão do Ciclo das Quintas, partindo da nota Dó. Os poemas foram divididos em sete grupos e as vozes robóticas foram ajustadas para a nota musical que correspondiam.

As vozes artificiais dos robôs foram restritas a cerca de três a cinco mil ciclos por segundo, tal como acontece com o que ouvimos através dos nossos telefones.

Depois, esses conjuntos de poemas falados artificialmente foram reunidos e divididos em três grandes grupos, cada um dos quais foi "colocado" num diferente espaço virtual, com características acústicas bastante diferentes: um grande salão com paredes, piso e teto construídos em cimento; uma sala média, como um quarto, construído com pedras; e uma sala forrada de livros, cortinas e tapetes. Todas essas características acústicas foram elaboradas virtualmente em laboratório.

Os poemas constituíram um complexo tecido de sonoridades.

A segunda voz da composição foi constituída por sons de pássaros, da Europa, América do Norte, América Central, do Brasil - especialmente da Mata Atlântica, da Europa, da África e da Ásia.

Trinta gravações formaram três grandes conjuntos de pássaros. O primeiro conjunto foi constituído por vinte e oito gravações, distribuídas no tempo de acordo com o desenho da antiga partitura musical mesopotâmica.

O segundo e o terceiro conjuntos constituíram dois contínuos operando em paralelo.

Finalmente, a terceira voz foi baseada na peça musical *Nunc Dimittis*, que significa "agora despedes". Trata-se de um fragmento do Novo Testamento, também conhecido como o Cântico de Simeão, que diz: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo Segundo a tua palavra / Porque os meus olhos já viram a tua salvação / Que preparaste diante de todos os povos / Luz para revelação às gentes, E glória do teu povo de Israel".

Nunc Dimittis, o Cântico de Simeão, é muitas vezes cantado no final de um serviço religioso. É, ainda, o tradicional cântico das orações noturnas.

Estamos no final de um universo civilizacional, em algum sentido no final de um "serviço religioso", e a antiga peça musical religiosa, especialmente em termos conceituais, pareceu-me perfeita como base para a terceira voz do Homem Pássaro.

Assim, tomei uma versão atribuída a Josqin des Prés, que viveu entre 1440 e 1521. Distribuí os seus cento e quarenta compassos ao longo dos quarenta minutos da composição, com sons gerados sinteticamente e operados com um sistema de retro-alimentação, constituindo um grande continuum.

A concepção da composição musical Birdman é, tal como a obra de Agostinelli, um questionamento: a poesia, a voz não humana - mas que nos parece humana, as línguas numa nova Babel, os trinta países, os trinta conjuntos de pássaros, os diferentes continentes, o mundo que caminha rapidamente para o suicídio, a mudança dos valores humanos, e a referência a uma peça religiosa, para o final de um serviço religioso, mas também uma composição fnaeira transição entre o último período medieval e o Renascimento.

Para além dessa dimensão conceitual, todos as notas interagem, como numa clássica composição musical, mas agora com outros universos sonoros.

Todos os artistas, poetas, músicos, arquitetos, cientistas, pensadores são Homens Pássaro.

O concerto-instalação Birdman é dedicado a Marco Agostinelli e a Martin Schøyen.

